

MATER/PATER, EIS O BINÔMIO FUNDAMENTAL DO SER.

Olga Savary

Escritora, Tradutora e Contista

RESUMO:

Análise crítica do livro Pragmatismo das flores, ganhador do 14º Prêmio Literário Livraria Asabeça 2015, de São Paulo na categoria poesia, do paraense Airton Souza, no qual, segundo a escritora Olga Savary, tudo vibra e cintila, qualidade intrínseca da boa poesia, que nos remete ao poeta-pensador francês Paul Valéry, em seu conhecido ensaio Poesia e Pensamento Abstrato.

PALAVRAS-CHAVE:

Souza, Airton-crítica e interpretação; Pragmatismo das flores – crítica e interpretação; Literatura brasileira-poesia.

ABSTRACT:

Critical analysis of the book Pragmatismo das flores, winner of the 14th Book Literary Prize Asabece 2015, from São Paulo in the poetry category, from Paraense Airton Souza, in which, according to writer Olga Savary, everything vibrates and shines, intrinsic quality of good poetry, which brings us to the French poet-thinker Paul Valéry, in his well-known essay Poetry and Abstract Thought.

KEYWORDS:

Souza, Airton-critique and interpretation; Flower pragmatism - criticism and interpretation; Brazilian literature-poetry.

Escritora, tradutora e jornalista. Tem 20 livros de poesia e ficção, pessoais, e mais de 90 coletivos (centenas de antologias que organizou e integrou, no Brasil e no exterior) publicados. Convidada, é a única escritora a constar da antologia Poesia da América Latina (entre apenas 18 poetas, entre os quais dois “Prêmios Nobel”: Neruda e Octavio Paz editada na Holanda, em 1994). Integra as antologias Os Cem Melhores Contos do Século e Os Cem Melhores Poemas do Século (Rio de Janeiro, Objetiva, 2000). Recebeu mais de 60 prêmios nacionais e internacionais de poesia, conto, romance, ensaio, tradução e jornalismo (3 “Jabutí”, vários “Prêmios UBER-RJ”, vários “Prêmio da Academia Brasileira de Letras” nas várias literárias, inclusive o “Prêmio Machado de Assis para Conjunto de Obra”, o “Prêmio internacional Brasil América Hispânica para Poesia” etc..). É pioneira em publicar haicais no Brasil, no início da década de 1940, menina ainda, e depois em divulgar e traduzir os clássicos japoneses do haicai. Pioneira também em publicar o considerado 1º livro todo em tema erótico no Brasil e em ter organizado a 1ª antologia de poesia erótica. E em utilizar palavras do idioma tupi em tudo o que escreve, seja poesia, ficção ou ensaio. Colocada em mais de 300 mil sites.

O binômio fundamental da vida de qualquer ser - e aqui estamos nos referindo ao ser humano - são estas duas figuras que compõem o primeiro elenco de nossas vidas: mater e pater (em latim) mãe e pai.

Em **Pragmatismo das flores**, detentor do 14º Prêmio Literário Livraria Asabeça 2015, de São Paulo na categoria poesia, do paraense Airton Souza, tudo vibra e cintila, qualidade intrínseca da boa poesia, que nos remete ao poeta-pensador francês Paul Valéry, em seu conhecido ensaio **Poesia e Pensamento Abstrato**, de *Varietades* (São Paulo, Iluminuras, 1998), que afirma que reconhecemos um poeta quando este torna o leitor um *inspirado*, a transmutar leitor em praticamente também poeta pela força da boa poesia. Seguindo esta linha de pensamento de Valéry, acrescia do julgar do poeta e professor da UFRJ Igor Fagundes. Todo bom poeta - por ser um pensador, com poesia baseada na Filosofia, Poesia e Filosofia andando de mãos dadas, unidas para sempre, aliás como deve ser, de preferência - acaba por ser um crítico-poeta. Todo poeta de verdade é um crítico de primeira. Vale repetir o que dizia o crítico brasileiro José Guilherme Merquior: o *lirismo* é a expressão da consciência reflexiva de uma emoção.

Há poetas demais no Brasil. Este é um país pródigo em boa poesia, porém excessivo igualmente em poesia-carimbo, ou seja, tudo igual. Criei esta expressão de *poesia-carimbo* para me referir aqueles poetas desprovidos de característica própria, sem marca sem personalidade poética particular e genuína. Que não é o caso do bom poeta aqui estudado, de cunho pessoal, e tendo o que dizer, autor deste Pragmatismo das flores. Posso afirmar isto como crítica literária e de artes, como ensaísta de mais de 800 prefácios,



orelhas, apresentações etc., etc., solicitados pelos editores, assim como por poetas, ficcionistas, ensaístas e tudo o mais, além dos pedidos da mídia: jornais, revistas, suplementos literários. E também como antologista: realizei três antologias. Todas três com mais de 400 e 500 páginas, bastante completas, com autores já consagrados, ou dando visibilidade a autores mais jovens, ainda sem maiores oportunidade no mercado editorial. Vale dizer: iluminei-os.

Para que serve o crítico ao analisar o livro de um escritor? Em primeiro lugar não reduzir o Autor, não minimizá-lo (como muitos fazem sub-repticiamente para quem sabe ler nas entrelinhas, por baixo dos panos, como comumente se diz). Chamando o poeta - no caso, aqui - à extrema consciência, é necessário engrandecer seu texto, sua poesia, alteá-lo à lucidez primeira e mais verdadeira. Vale dizer: jogar o foco de luz sobre a

poesia do autor focalizado. E poesia, sabemos, é composta de imagens (metáforas), o pensar em pensamentos que até podem ser lúdicos, mas que primordialmente serão graves, grávidos de significados e significantes.

Como no poema ao pai, iniciando o livro, na parte que ele denomina **Oração do pai**:

está escuro aqui, pai,
e esse distante olhar
é o que invernece essa dor
do que aos poucos
é só miragem
jogando no chão dessa aparente
geografia
a não pertencer a nenhum de nós



Singular, Airton Souza reforça a dor ao virar o substantivo **inverno** em verbo: **invernece**.

E segue, no mesmo poema todo ritmo e sons que se irmanam, que desejam se agregar:

Tenho um olho vazado
E outro devasso e vassalo
que formulou até agora
uma única idade para o magma: amor.

Magma: é pura metáfora e palavra soberba, maravilha pura, adorada por poetas. Descobrir a bem menina, numa aula de geografia, dando-a como Título de um livro meu, merecedor do Prêmio de Poesia 1982 da Academia Brasileira de Letras (porém escrito uns 20 anos antes).

No 2º poema do livro, Airton sugere que a figura do pai bem poderia estar presente nas paredes, amalgamado a imaginários altares, pensamento bem próprio de um filho amante do pai arisco, a sonegar até o abraço paterno: a severidade constante e bem própria de gerações passadas ainda não afeitas a rezar pela cartilha de Freud (que não as explicava então. Freud explica? Nem sempre).

No poema 3 do livro, o poeta nos dá conta que “nenhum movimento opaco / era mais solitário / que teus olhos de chuva”, e esses olhos de chuva são do pai. Esta é característica de uma poesia bem paraense. Explico: o Pará, terra - mãe do Autor é o mais puro território da água, esteja está água no rio, no rio-mar (como denominado o Amazonas, cuja margem não vê a outra de tão imenso que é), do rio Tocantins cheio de botos-rosa, de águas menores como igarapés e açudes, até chegar chuvas. O Pará detém o predomínio da chuva na metade de seu ano, no seu verão. No dicionário do **nheengatu**, da língua boa Tupi, Pará tem o significado de mar.

O poema 4 fala das cinzas “recolhidas na infância / são guardados imprevisíveis / traçado de arame e a possessão do grito

// se atravesso a cidade / há nela nada além do verbo / a dissonar Tua imagem // abrigo litígios, esquinas & pássaros / na aparência das casas / mas os cômodos não pesam / mais que tua ausência. “Já o poema 5 lida com os contrários ao dizer: “nenhum naufrágio secará a tua ausência.” O verso 6 / se torna mais belo justamente pela utilização de ideias opostas: **naufrágio** (toda água) unido ao verbo **secar**.

No poema 6, filho e pai, semeando utopias, abririam juntos “todas as feridas à cura”,

falaríamos, a noite insone, de solidão
sem atormenta dos vazios
deixados aos densos retratos
a tentativa de curar incompletudes.

No poema 7 refulge o belo verso: “a solidão convoca teu nome”. E mais, na terceira estrofe, “Teus ossos gritarão florestas / dentro de mim // as coisas que ouço / têm algo de tua paisagem / quando rabiscava teus pés no chão / era em minha pele que fi (n)cava / a residência dos hieróglifos”. O poema o convocava o filho a virar o pai no “entristecer de grades”.

De novo, no poema 10, o poeta cria o neologismo dos “segredos / (cemiteriados em mim)”, (...) “feito de desastre”, transmutando o substantivo **cemitério** em verbo. O poema 11 nos apresenta outra beleza: o “recuo às margens nu de gemidos”. Semelhanças são encontradas em alguns versos do poema 13, onde “não suicidarei a inteira frequência / de cenas & centelhas / diariano ressentimentos / iguais aos dos navios / envelhecidos com as cicatrizes das águas/” (...). O poema segue, porém vale registrar o último verso citado, de imensa propriedade e invulgar beleza, com o poeta pleno de compaixão e linguagem, retornando “ao retrato nunca captado”.

O poema 17 forja “a religiosidade de recordar ossos / esse mistério de decifrar homens.” No 18, desvelando carinho e acolhimento, o poeta se excede na verdade de ter nenhuma lembrança dos joelhos do pai, além da nitidez das rezas a ocultar o abismo entre filho e pai. Ambos escutavam o

alimento das paredes e o invisível espalhar da morte, tendo o mar ao longe. Tudo determinou o desassossego mudo da casa / noticiou o lume a galope / arrastou cegas promessas / no que foi detrito triste / e abafou a voz / que derivava margens / para não morrer teus rastros.” O que deseja significar com todas essas imagens o poeta Airton Souza: um mar de ausência?

Entre vida e morte, o poeta oscila no poema 19: “nosso enredo, pai, / um tanto à maneira de assombrações / é tato untado abissando abismos // por dentro de nós / os mortos a demiurgar / invadem o colérico das ausências /” (...), ascendendo na ancestralidade do pai “um ramo de nostalgia nos jardins.” Confessa, em seguida, ao pai, imaginar que o horóscopo dele fosse amor. E conclui:

só teu silencio me ensinou:
a beleza não está no naufrágio
mas nos sussurros dos naufragados.

No 21, afirma o filho-poeta ter aprendido pela voz do pai que “os mortos sabem curar rancor”, e “Taciturnear angústias / contemplar as mãos não dadas”, com as certezas se retirando e o coração batendo em vertigem, a “atravessar a colheita dos arrependimentos” (...). Logo adiante, no poema nº 22, finda a primeira parte do livro: “Oração ao pai”.

Em “Reza à mãe” é iniciada a segunda parte do livro contendo o verso que dá Título à seleção de poemas:

1
Mãe, tenho dois pés descalços
E até esse exato momento
Não consegui o pragmatismo das flores

O dia sempre morre em mim
Mas levo comigo a sacralização das coisas
(...)
O poema 2 continua:
junto todo resto da fome

& outros guardados caminhos
que deságuam, mãe,
nos quintais
onde estendias sonhos
sem o pudor do sono
e a quietude dos vestígios
de nossos antepassados
que fecharam portas e janelas
em nosso peito de chão e pássaros.

E no final do poema 3, dessa parte segunda do livro, temos a certeza que:

(...)
em tua boca muda
quantos sofrimentos pairaram
sob a tez reescrevendo musgos?
ainda que eu tombe em combate
reza alguma desfará
a ávida dádiva de nos separar.

Airton Souza começa os 22 poemas ao pai e os 21 dedicados à mãe com letras minúsculas, de acordo com as palavras do início dessas duas partes: oração (ao pai) e reza (à mãe). Oração e reza quem sabe com a intenção de sussurrar os poemas, muito embora alguns revelem o poder do grito. Eis o que diz o poema 4: “ (...) só tua mãe / escuta reduza / o não das coisas / sedimenta abismo / sem alimentar meus medos // tuas mãos são dadas a mistérios / apalpando noite a noite / o sacrilégio dos dias / para depois serem túmulos/segregados ossos/habitadas lembranças/abstraindo esse coração figurado.”

Nesta passagem, roga à mãe que perdoe as certezas de poeta, assim como a de seus irmãos, bordando a idade das pedras. Este último verso - a idade das pedras - equivale a dizer um tempo infinitamente longo na cronologia da Terra, muito e muito além de uma mera existência humana. E assim o poeta simplesmente se propõe a um ato corriqueiro, porém básico, de pôr a mesa. Mas que essa ação nele permanecerá tal luz e treva, dia e noite, Algaravia e silêncio: o testemunho. Ele sabe, ele diz. Ou: ele escreve.

Em poema a seguir, na estrada meditativa de sua bela poesia, Airton diz à mãe que não abandonará os murmúrios dela sem o alicerce dos ensaios, para as manhãs de flores e coragem, reitera que partirá “a estilhaçar negados jardins/para feição de nossos verbos/& silencioso como um pássaro//rasgarei os quietos rancores/adornecidos mas cadeiras/que ressaltam tua ausência//é que és uma eternidade sepultada.” O poeta sabe da força do término de um poema ao afirmar categoricamente que a mãe é uma eternidade sepultada, mesmo na casa em ruínas, entre frestas, preces e vigílias.

Na sacralização do corpo, o poeta fala para a mãe que ele será o agente inaugurador da viagem do regresso dela, na distância entre céu e chão. Vale dizer que entre céu e chão está localizada a torre da poesia. “Ninguém medirá o que sem escrita/teu corpo e o testamento dele/tencionaram meio as alfombras e sentidos// quantas vezes fingiu interpretar vidraças/ só para não repetir o nu das janelas?/ quantos dias coloriu depoimentos/sem as hipérbolos de distinguir tristezas?//agora tudo isso lente latente/ em nós a não sermos só apêndices.”

O poema 9 desta segunda parte do livro verbalizar o substantivo ao referir que “miopizamos o amor” quando “o voo da voz ouviu ruas”. E no poema 11 o poeta exemplifica: “a Única vez que escolhi a pedra/em seu estado de memória, mãe,/a rua de antes/expandiu-se para além do mundo//desatento a tudo que os dedos apontavam/& a trégua inexistente das revoluções/ninguém lembrava de nós/nos arredores das verdades/que nos homens são assombros//mãe, receio que amanhã tenha chuva/e eu lembre que nunca vou desertar teu nome.”

O que ele diz no poema para a mãe com certeza está mais é dizendo para a poesia: que dela não desertará jamais. Poemas adiante, Airton Souza usa de novo o recurso de verbalizar o substantivo: “varandiu em nós cada cômodo/ em noturnas manhãs” (noturnas manhãs cria o movimento

de oximoros, palavra originária do grego, significando reunião de palavras aparentemente contraditórias - e eu diria que de fato são antagônicas - como por exemplo “silêncio eloquente” em Almeida Garrett e “inocente culpa” em Cecília Meireles, entre tantos outros autores. Assim segue Pragmatismo das flores, dialogando escombros”, “entre os sonhos/& a descendência da janela”, “invernecido a traduzir anônimos homens.”

Rezando à mãe, o poema 20 situa-se entre miasma e escombros; daí ressurge a poesia do Autor com a pergunta que faz a si mesmo diante da imagem materna: onde andará teu colo/que afogava as mágoas das ilhargas?”

Porém, numa vida tributária de perguntas e poucas, raras até, respostas, a poesia não passa de um mero buquê de terra na pele, na dualidade da solidão. A mãe só resta ensinar o riso, uma vez que “a felicidade de anda esquecida / entre vertentes e convergências.”

Após os 21 poemas da parte “Reza à mãe, Airton Souza destina no livro “Consumação” à parte final do livro, com 14 poemas. Como o livro todo é dirigido à mãe e ao pai, genitores deste poeta, paraense de nascente amazônica, de Marabá, interior do Estado do Pará, onde vive, faz poesia e ensina



os brasileiros de amanhã, além de vários livros seus de poesia publicados, organizou o **I Anuário de Poesia Paraense**. A pedido de Airton, participei três vezes desses seus projetos recentes: apresentei o **I Anuário de Paraense**, editado em 2016, tendo antes feito a revisão e fornecido dicas importantes ao texto a ser publicado, e a terceira participação com este longo ensaio, comentando praticamente passo a passo da leitura de sua mais recente poiesis: **Pragmatismo das flores**.

No poema inicial, dirigindo-se à mãe, o poeta comete uma espécie de metapoesia. Vejamos:

mãe, na palavra entro
o denso rio da língua / gem
tinteiro inteiro
lavro espasmo
sangro o sacro verbo
no branco da página

Refere-se aqui a luta com as palavras e o desafio da página em branco que tanto espanta e às vezes aflige o criador, como aturdiu e inquietou Drummond, Cecília, Cabral, Bandeira, Pessoa, Pereyr, Gullar e tantos mais. Prossigamos:

ao passo que teço
me tecem os terços
dos jardins
dos pássaros
& a liturgia de candelabros
no apaziguar do recluso silêncio
de ser poeta e pedra no caminho
significando Drummond e pessoas.

Não há dúvida que, aqui, o poeta - pela pedra no caminho - troca o nome de CDA pela sua imagem tão célebre e - por "pessoas" - refere-se a Fernando Pessoa e os heterônimos do poeta português. Vale dizer: fala da árvore para significar a **floresta**.

No poema 2, da última parte, vai ao pai, laço o lance da língua

entre geometrias sou uma pá
lavrando caminhos e os telúricos
gestos de uma medeia desamada
é que os poetas impassíveis
precisam pianar o mundo
só há uma saída nessa rota
metacantear o que não é mudo.

Esta poesia, como um todo, de fio a fio teceu retórica, unificando o amor "nos vultos diluídos de Deus" (...) descer ao abismo / era sua tarefa libertária / a nos deixar a invertebrada lição doa partir."

Do poema 5 de "Consumação" há versos memoráveis: "a maneira insólita da mãe / de gravar tristeza / guiava nossas âncoras / em afogados cômodos / incrustados no amanhecer de nós (...)." Igual aos dos poemas 6, 7, e 8, onde "nenhuma remota palavra guirlandava / um rastro adornado de porto // assim / às vezes sou missa / noutras uma calada praça / o pai é um pranto a recolher acalanto."

No poema 9, "inteiramente habitual, pai, / a rudimentar palavra / depois da noite era ócio" enquanto a mãe e sua tristeza tinha" o peso de comer / a ferrugem da solidão." Ora dirigindo-se ao pai, ora à mãe, assim o poeta é dividido e vai de evidência contra espelhos "empapelar a ideia", com o peso e acúmulo da idade, ao mesmo tempo que "a mãe caminhará sem culpa / aos velórios e os pormenores da reza".

O poeta, no poema 10, entre silêncio e palavra, entre raiz, caule e copa de árvore diz à mãe que "talvez o pai atravesse / todas as manhãs a porta / só para se reconciliar com a velhice / & fica rente à rua e a casa / a descarregar o padecimento da solidão". É, o pai aprendeu a aceitar, a "serenar / o sentimento de gratidão / na umbriedade de forastear o mundo." Segundo o 11, entre "a vertigem de recifes / entorpecido de mar e naufrágio", dentro da casa que testemunha tudo, tinha ele as mãos tipográficas / para acenar tristeza e destinos // em

qualquer outono / te falo de abismos, homens e Deus / que consumiram a esquecida ausência / ancorada em nós.”

Entre o pai que “não sabe cultivar jardins / meio aos anseios / de silêncios e inundados passados” e a mãe que “desconhece as estações noturnas”, querendo sempre “o imaginário mundo completo”, repleto de escancaradas sensações, o poeta sente-se como um caminho vazio, entre Deus e o Diabo, entre Paraíso e Inferno, entre Éden e Hades, atravessando “as causas iludidas”. Muitas vezes, perdido. E achado.

Assim, Airton Souza, o poeta, entre mãe e pai, entre a mulher e o homem, ora usando o seu conhecimento de ora quase fingir ser o poeta fingidor a fingir tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente, seu eu poético desnuda-se nessa condição primacial do ser humano. Criar é viver duas vezes, já dizia Camus. Pois eu afirmo que adultos jamais sabem o que é recreio. Pelo menos deveriam saber. E aconselho a qualquer poeta não se apartar do lápis e papel, que os conservem em todo e qualquer canto da casa, principal-

mente na cabeceira da cama. É fundamental para quem quer ser de verdade um verdadeiro escritor, ainda mais se for poeta. Se ele não armadilhar a palavra, a ideia, o pensamento, vai amargar a perda, na maioria das vezes irreparável.

E convido os autores a atentarem que realizar crítica literária, ou de artes em geral, ofício que exerço desde a adolescência, é de extrema delicadeza, profissionalismo e conhecimento super consciente.

É necessário uma convivência diária, durante meses com a obra a ser observada estudada, e finalmente analisada. Não é, um simples estalar de dedos, praticar um ato de magia de tirar o coelho da cartola. É bem mais que isto, é mais profundo. É entrar na cabeça e no sentimento do outro, encantar-se na solidão alheia, solidão essa que sabiamente lavra as palavras ritmadas dos poemas, da **poésis**, o mesmo a significar a vida e a visão de mundo do poeta ora estudado, ou seja, o **Pragmatismo das flores**, de Airton Souza. Entre melopeias e logopeias presentifica-se esta poesia: escrever.

